



A importância dos espaços educativos não formais na Formação de Professores e suas práticas pedagógicas

Lopes, Inacira Bomfim¹

Moll, Jaqueline²

Santos, Loreni A. dos³

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a relevância dos espaços educativos não formais para a formação de professores em suas práticas pedagógicas, utilizando o Parque Zoológico e a Praça CEU (Centro de Artes e Esportes Unificados) como referência. Reconhecendo a importância do tema ambiental no universo educativo e da escola como meio para estimular a iniciação científica, o conhecimento, a difusão de uma cultura ambiental de preservação do meio ambiente e sustentabilidade, torna-se importante refletirmos sobre a Formação de Professores, utilizando-se desses espaços não formais. Articulados em rede no que pode constituir-se como território educativo, o zoo e a Praça CEU materializam tempos, espaços e oportunidades educacionais próprios de uma cidade educadora.

Introdução:

Bianconi e Caruso (2005) propõe que a educação formal pode ser resumida como aquela que está presente no ensino escolar institucionalizado, cronologicamente, gradual e hierarquicamente estruturada, e a informal como aquela na qual qualquer pessoa adquire e acumula conhecimentos, através de experiência diária em casa, no trabalho e no lazer. A educação não formal define-se como qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que, normalmente, se realiza fora dos quadros do sistema formal de ensino.

Como espaços educativos não formais em uma determinada comunidade, os zoológicos e as praças são centros de convivência pública, destacamos-os como ambientes privilegiados para a construção de referências que influenciam na educação da comunidade, devido ao seu potencial educador.

Para Fachín et al. (2001) é válido diferenciar os espaços não formais de educação em institucionalizados e não institucionalizados. Os primeiros geralmente dispõem de planejamento, estrutura física e monitores capacitados para trabalhar a mediação. Os museus, zoológicos, planetários,

¹Mestranda da UFRGS, Porto Alegre/RS, lopesinacira@gmail.com

²Prof. Dr. da UFRGS, Porto Alegre/RS, jaquelinemoll@gmail.com

³Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Sapucaia do sul/RS, lorenisantos9@gmail.com



jardins botânicos, entre outros, são exemplos de espaços não formais de educação institucionalizados. Praças públicas, mercados, áreas verdes e outros, são usados para fins de ensinamento e podem considerar-se espaços não formais de educação não institucionalizados.

Segundo Müller (1988), um dos princípios básicos da Educação Ambiental é utilizar ambientes educativos e vários métodos para comunicar e adquirir conhecimento sobre o meio ambiente, dando ênfase às atividades e práticas e valorização de experiências pessoais. É inquestionável o desafio e responsabilidade que tem os zoológicos enquanto espaços educativos não formais, proporcionando aos professores e visitantes em geral, informações acessíveis para que haja uma maior aproximação desse público com a natureza e auxiliando na divulgação da Alfabetização Científica. Assim, como também, a importância da Praça CEU enquanto espaço educador na formação continuada dos professores do Coletivo Educador. A Praça CEU é uma política pública do Governo Federal o PAC 2 - Programa de Aceleração do Crescimento.

O Coletivo Educador é previsto pelo Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA) e o Programa Nacional de Formação de Educadoras e Educadores Ambientais (ProFEA), e tem como objetivo articular as instituições para desenvolver a Educação Ambiental de forma crítica, envolvendo questões socioambientais.

É importante refletirmos sobre o que são esses espaços e/ou territórios educativos, pois na atualidade é consenso de que a escola não é mais o único espaço educacional dentro de uma comunidade, assim como, não são apenas os professores os únicos responsáveis pela mediação de conhecimento. Para definirmos essas questões de espaço, lugar, território, ambiente, faz-se necessário lembrarmos os dois principais objetivos centrais do Programa Mais Educação (Programa Governamental Federal), que é a corresponsabilização de Todos pela Educação, em que a escola reconhece e ganha outros parceiros no território local como consequência desta meta, e a ampliação dos tempos, dos espaços e dos conteúdos educativos dentro e fora da escola. Um dos princípios da Educação Integral, no âmbito do Programa Mais Educação, é a constituição de territórios educativos para o desenvolvimento de atividades de educação integral, por meio da integração dos espaços escolares com equipamentos públicos como centros comunitários, bibliotecas públicas, praças, parques, museus e cinemas. Percebe-se então que as parcerias com outras instituições, de educação não formal, são muito importantes, pois amplia os espaços e essa é a proposta central do Programa Mais Educação. É preciso expandir os espaços educativos. A Carta das Cidades Educadoras (Declaração de Barcelona,

¹Mestranda da UFRGS, Porto Alegre/RS, lopesinacira@gmail.com

²Prof. Dr. da UFRGS, Porto Alegre/RS, jaquelinemoll@gmail.com

³Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Sapucaia do sul/RS, lorenisantos9@gmail.com



1990), em sua introdução, nos diz que hoje, mais do que nunca, a cidade grande ou pequena, dispõe de inúmeras possibilidades educadoras. De uma forma ou de outra contém em si mesma elementos importantes para uma formação integral, que é o proposto pelo Programa de Educação Integral.

Buscamos integrar as atividades de educação ambiental do Parque Zoológico e da Praça CEU, com as atividades das escolas públicas de Sapucaia do Sul a partir da formação continuada de professores, promovida pelas Secretarias de Meio Ambiente e de Educação.

A proposta é refletirmos de que forma as atividades de Educação Ambiental nos espaços educativos podem integrar-se às políticas públicas e aos programas federais, como o Programa Mais Educação, por exemplo, com os que desenvolvemos no município, pois um dos princípios de uma cidade educadora, conforme a Carta das Cidades Educadoras (Declaração de Barcelona, 1990), é fazer com que os municípios exerçam com eficácia as competências que lhes são atribuídas em matéria de educação. Qualquer que seja o alcance dessas competências, eles deverão desenvolver uma política educativa exaustiva de índole global, com o fim de incluir todas as modalidades de educação formal e não formal, as diversas manifestações culturais, as fontes de informação e os meios de descoberta da realidade que existam na cidade.

Como forma de interagir com as atividades nos diferentes espaços, utiliza-se como método pedagógico a visita orientada aos bastidores do zoo.

Relatamos a seguir uma das experiências vivenciadas no Parque Zoológico da Fundação Zoobotânica, em Sapucaia do Sul.

A atividade prática desenvolvida no Parque Zoológico foi uma palestra sobre os Biomas Brasileiros e a fauna ameaçada de extinção, com alunos de quatro turmas de primeiro ano de uma Escola do município de Sapucaia do Sul. A palestra fez um convite a uma reflexão sobre o que consumimos, a matéria prima necessária, a questão ambiental, a fauna e as possíveis soluções.

Por exemplo, o que uma lata de refrigerante tem a ver com a Amazônia?

Tudo o que consumimos é extraído de algum lugar. Para a fabricação de uma lata de refrigerante é necessário extrair a bauxita, que é um mineral cuja reserva se encontra na Floresta Amazônica, onde vive o macaco-aranha, uma das espécies ameaçadas de extinção pela perda do ambiente, e que temos no zoológico.

¹Mestranda da UFRGS, Porto Alegre/RS, lopesinacira@gmail.com

²Prof. Dr. da UFRGS, Porto Alegre/RS, jaquelinemoll@gmail.com

³Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Sapucaia do sul/RS, lorenisantos9@gmail.com



Com esse exemplo a abordagem fica mais significativa e aproxima a questão da Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), pois o aluno desenvolve o senso crítico frente ao problema levantado e que faz parte de seu cotidiano.

Marandino e Krasilchik (2004), no livro "Ensino de Ciências e Cidadania", abordam a questão da interdisciplinaridade. No exemplo citado anteriormente, o professor trabalha nas diferentes disciplinas, a questão do consumismo, área geográfica da espécie, a Floresta Amazônica, os demais Biomas Brasileiros, as consequências ambientais da devastação dos Biomas e as possíveis soluções que estão ao alcance de cada um.

Antecedendo a palestra, os alunos foram instigados a conhecer as características de cada bioma, as espécies que habitam, localização geográfica, vegetação predominante e os benefícios da biodiversidade. Com isso, atividades como construção de mapas e maquetes sobre o tema foram exploradas para enriquecimento da sala de aula nas disciplinas de geografia e biologia. Durante a palestra, esses conceitos foram abordados e contextualizados com a situação do Parque Zoológico e seus animais. Após a palestra os alunos foram convidados a conhecer o parque e registrar com fotos os animais que mais os chamaram atenção.

Em sala de aula, o grupo de alunos produziu um material referente à saída pedagógica, mostrando os caminhos percorridos dentro do Parque Zoológico. Na disciplina de geografia eles reconheceram e desenvolveram um mapa identificando cada bioma dos animais fotografados; em biologia trabalharam a origem, o nome científico e características dos animais; em química os alunos pesquisaram sobre a alimentação de cada animal e os elementos químicos presentes nela; e em física cada aluno calculou a força peso que esses animais exercem.

Após as atividades, os alunos confeccionaram um varal com todas as informações trabalhadas ao longo da semana, mostrando tudo que conheceram e desenvolveram depois da atividade no Parque Zoológico.

A partir desse exemplo prático a atividade possibilitou aos alunos uma reflexão sobre a importância que o Parque Zoológico possui naquela região e o quanto esse espaço de educação não formal está inserido em temas ambientais e atuais, e não somente referentes à flora e fauna, mas quanto à problemática dos resíduos sólidos, preservação da água, e muito mais.

A Praça CEU, como espaço não formal de educação não institucionalizado, oportuniza aos participantes trilhas interpretativas para averiguar a magnitude das atividades desenvolvidas. Diante da problemática ambiental que afeta a área de abrangência da Praça CEU promove-se a transposição didática de

¹Mestranda da UFRGS, Porto Alegre/RS, lopesinacira@gmail.com

²Prof. Dr. da UFRGS, Porto Alegre/RS, jaquelinemoll@gmail.com

³Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Sapucaia do sul/RS, lorenisantos9@gmail.com



conhecimentos sobre o ambiente natural local, utilizando-se da transversalidade da educação ambiental como ferramenta pedagógica de modo a identificar a relevância das atividades desenvolvidas na Praça CEU e sua pertinência na mudança de comportamento da comunidade.

REFERÊNCIAS

ANGOTTI, J. A. P.; AUTH, M. A. Ciência e tecnologia: implicações sociais e o papel da educação. *Revista Ciência e Educação*, 7, 1, p. 15-27, 2001.

BACHELARD, Gaston. A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. 314 p.

BIANCONI, M. Y CARUSO, F. (2005). Apresentação: Educação não formal. *Ciência e Cultura*, 57 (4): 20.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Ciências naturais. Brasília: MEC/SEF, 1997. 137 p.

BRITO, A. G. O Jardim Zoológico Enquanto Espaço Não Formal para Promoção do Desenvolvimento de Etapas do Raciocínio Científico. Dissertação (Mestrado) -

Universidade de Brasília. Faculdade UnB Planaltina, Brasília, 2012.

CACHAPUZ, A. et al. A necessária renovação do ensino das ciências. São Paulo: Cortez, 2005.

CARTA DE LAS CUIDADES EDUCADORAS, Barcelona: Ajuntamento de Barcelona, 1990.

CARVALHO, I. C. M. (2012). Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico, São Paulo, Cortez.

CHASSOT, A. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. *Revista Brasileira de Educação*, n. 22, p. 89-100, jan. /Abr. 2003.

CHEVALLARD, Y. (1991) *La Transposition Didactique: Du Savoir Savant au Savoir Ensigné.* Grenoble, La pensée Sauvage.

CANDAU, V. Construir ecossistemas educativos: reinventar a escola. In: CANDAU, V. *Reinventar a escola.* Petrópolis: Vozes, 2000, p. 11-46.

_____, I.C. *Interdisciplinaridade: um projeto em parceria.* São Paulo. Loyola, 2002.

¹Mestranda da UFRGS, Porto Alegre/RS, lopesinacira@gmail.com

²Prof. Dr. da UFRGS, Porto Alegre/RS, jaquelinemoll@gmail.com

³Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Sapucaia do sul/RS, lorenisantos9@gmail.com



Revista Tecné, Episteme y Didaxis. Año 2018. Numero **Extraordinario.** ISSN **impreso:** 0121-3814, **ISSN web:** 2323-0126 **Memorias,** Octavo Congreso Internacional de formación de Profesores de Ciencias para la Construcción de Sociedades Sustentables. Octubre 10, 11 Y 12 de 2018, Bogotá

FAZENDA, I.C. A. Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa. 4. ed. Campinas: Papirus, 1994.

FACHÍN, A.; MOREIRA, R.; BALIERO, H.; SANTOS, A. y GARCÍA, A. (2011). A caracterização dos espaços não formais de educação científica para o ensino de ciências. *Revista Amazônica de Ensino de Ciência*, 4(4): 12-23.

KRASILCHIK, M. Reformas e realidade - o caso do ensino das ciências. In: *Em Perspectiva: São Paulo*, 14(1) 2000.

LÜCK, Heloisa. *Pedagogia Interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos.* Petrópolis: Vozes, 1995.

MÜLLER, J. *Educação Ambiental. Diretrizes para a prática Pedagógica.* Porto Alegre: FAMURS, 1998, 146p.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2002.

_____, Myriam e MARANDINO, Martha. *Ensino de ciências e cidadania.* São Paulo: Moderna, 2004.

QUEIROZ, G., GOUVÊA, G., FRANCO, C. Formação de professores e museu de ciência. In: GOUVÊA, G.; MARANDINO, M.; LEAL, M.C. *Educação e Museu: A construção social do caráter educativo dos museus de ciência.* Rio de Janeiro: Access, 2003.

QUEIROZ, R. M.; TEIXEIRA, H. B.; VELOSO, A. S.; FACHÍN TERÁN, A.; QUEIROZ, A.G. A caracterização dos espaços não formais de educação científica para o ensino de ciências. *Rev. ARETÉ*, v. 4, n. 7, p. 12-23. Manaus, 2011.

PDE MAIS EDUCAÇÃO - SÉRIE CADERNOS PEDAGÓGICOS. Territórios Educativos para Educação Integral.

SANTOS, R. T.; M. DOS. *Jogos: um recurso didático alternativo para uma aprendizagem significativa no ensino de química.* Universidade Estadual da Paraíba – PB. Patos. 2015.

¹Mestranda da UFRGS, Porto Alegre/RS, lopesinacira@gmail.com

²Prof. Dr. da UFRGS, Porto Alegre/RS, jaquelinemoll@gmail.com

³Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Sapucaia do sul/RS, lorenisantos9@gmail.com